



Centro Universitário de Brasília - CEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES

Karine Caputo Neves Pereira

"Eu não era mais eu": processo de diferenciação e fusão emocional de mulheres nos relacionamentos amorosos

Brasília,
2021

Karine Caputo Neves Pereira

"Eu não era mais eu": processo de diferenciação e fusão emocional de mulheres nos relacionamentos amorosos

Trabalho de monografia apresentado à Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília - CEUB, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Izabella Rodrigues Melo

Brasília,

2021

"Eu não era mais eu": processos de diferenciação e fusão emocional de mulheres nos relacionamentos amorosos

Trabalho de monografia apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais do Centro Universitário de Brasília - CEUB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Izabella Rodrigues Melo

Prof.^a Ma. Greice Cerqueira Nunes

Prof.^a Dra. Flávia Bascunan Timm

Brasília,

2021

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que contribuíram de maneira significativa e – em muitos casos – essencial, para o sucesso de minha jornada acadêmica. Agradeço:

Primeiramente à Deus, por ter me fornecido a capacitação e as condições necessárias para chegar até o final desta caminhada.

À minha mãe e minha irmã pelo constante suporte durante os períodos de dúvida e incerteza no decorrer do curso.

À professora Fernanda Costa Vinhaes de Lima pelo apoio e ensinamentos. Sua dedicação, profissionalismo e amor à profissão são fontes de inspiração para mim e influenciam em minha conduta profissional.

À minha orientadora, professora Izabella Rodrigues Melo, que ofereceu o suporte, conhecimento e acolhimento necessários para tornar o processo de desenvolvimento desta pesquisa mais leve e possível.

Ao meu esposo, Alysso Rodrigues, por ser o amor da minha vida e a pessoa que não me deixa nunca duvidar do meu potencial. Sua paciência, companheirismo e suporte foram fundamentais que eu conseguisse finalizar esta pesquisa.

*“Eu seguro a minha mão na sua,
E uno o meu coração ao seu.
Para que juntas possamos fazer,
Tudo aquilo que não posso fazer sozinha.”*

Oração da Unidade, Grupo MADA

Resumo

A presente pesquisa se propôs a analisar, à luz da perspectiva sistêmica, as implicações dos padrões de funcionamento familiar no processo de diferenciação emocional de mulheres, visando compreender como o nível de diferenciação alcançado e os padrões aprendidos influenciam no desenvolvimento de fusão emocional com parceiros amorosos. Participaram da pesquisa três mulheres, com idade entre 21 e 52 anos, solteiras e/ou divorciadas, que no momento da coleta de dados estavam participando dos grupos de ajuda da irmandade Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas como instrumento para coleta de dados. O material coletado foi analisado por meio da Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016). Os resultados sugerem que as mulheres entrevistadas desenvolveram uma baixa diferenciação emocional, condição que impactou na forma como se percebem e se posicionam em suas relações amorosas, tendendo a buscarem por parceiros amorosos com os quais possam replicar o padrão de funcionamento aprendido com a família de origem. A pesquisa se mostrou relevante pois foi capaz de indicar que os padrões de funcionamento familiares aprendidos influenciaram significativamente no desenvolvimento emocional, psicológico e cognitivo das participantes, repercutindo na maneira como se relacionam com seus parceiros amorosos. Embora os achados se mostrem pertinentes, indica-se que maiores pesquisas na área sejam importantes para melhor compreender as similaridades encontradas nas respostas emocionais desenvolvidas pelas participantes que se originam de famílias com padrões de funcionamento divergentes.

Palavras-chave: diferenciação; fusão emocional; padrão de funcionamento; relacionamentos amorosos.

Sumário

Introdução.....	8
Fundamentação Teórica.....	13
Os processos de diferenciação e individuação do <i>self</i> e suas implicações no funcionamento emocional dos indivíduos.....	13
Família como matriz de identidade.....	16
Subsistemas, fronteiras e hierarquias familiares.....	17
A influência da transmissão geracional no modelo de funcionamento dos indivíduos e na constituição de suas relações afetivas e amorosas.....	18
Implicações do gênero no processo de construção da identidade e papéis na relação amorosa.....	20
Método.....	22
Participantes.....	22
Procedimentos.....	22
Instrumentos de coleta de dados e análise.....	22
Resultados.....	24
Discussão.....	25
Processo de diferenciação e individuação do self.....	25
Padrão de funcionamento familiar.....	31
Transmissão geracional e papéis de gênero.....	37
Considerações Finais.....	46
Referências Bibliográficas.....	49
Apêndices.....	52

Introdução

Como os relacionamentos amorosos são estabelecidos e quais são os fatores que levam uma mulher a se envolver tanto em uma relação a ponto de se perder de si mesma? A estas indagações existem uma infinidade de variáveis. Estudos que se propuseram a compreender os aspectos que perpassam os processos de busca e escolha de um parceiro amoroso apontam que o desenvolvimento e a consolidação das relações amorosas envolvem lógicas conscientes e inconscientes que, na maioria das vezes, estão pautadas nos modelos relacionais aos quais os indivíduos foram expostos em suas primeiras trocas e vivências afetivas, estabelecidas com suas famílias de origem (Zordan, 2008; Féres-Carneiro, 2010, Quissini & Coelho, 2014).

Para a teoria sistêmica, a família representa a primeira unidade social que um indivíduo integra, tendo por função primordial inicializar sua socialização, esta realizada por meio da educação e da transmissão da cultura vigente no ambiente em que o sistema familiar está inserido (Carneiro, 1986). Nesse sentido, Minuchin (1976) indica que a família é o primeiro ambiente de desenvolvimento da personalidade do ser humano, sendo o espaço psicossocial primário do indivíduo e servindo de modelo para as demais relações que o indivíduo estabelecerá com o mundo (Macedo, 1994).

Compreendo a sua importância para a formação dos indivíduos, Martins, Rabinovich e Silva (2008) apontam que a família é mais do que uma mera coleção de indivíduos, funcionando como um todo globalizado e interconectado, no qual os sujeitos participantes se influenciam e modificam mutuamente. Nesta perspectiva, a família se constitui como a matriz da identidade pessoal e social dos indivíduos, uma vez que proporciona sentimentos de permanência e pertencimento, possibilitados pelo compartilhamento de crenças, mitos e hábitos, e os de independência e autonomia, alcançados pela separação e individuação de

seus membros (Carneiro, 1986), estrutura que “dá a seus membros o cunho de individualidade” (Minuchin, 1990, p. 59). Para Féres-Carneiro (2003), a noção de família supõe a interiorização de vivências, percepções e valores aprendidos no meio social e que serão transmitidos para as demais relações, independentemente de qual tipo forem (Minuchin et.al., 2009; Costa, 2010; Sant’Anna & Penso, 2014).

De acordo com Bowen (1978), toda criança nasce fusionada à sua família e é no decorrer de seu processo de desenvolvimento que ela se diferencia, alcançando independência e autonomia. No relacionamento com a família, apontada como uma massa indiferenciada do ego, a criança experiencia o pertencimento e a diferenciação, condições significativas ao desenvolvimento e à vivência da experiência humana de identidade (Jasen, 2007). Tais fatores estão diretamente relacionados ao sentimento de pertencimento a um grupo e à tendência ao fusionamento dos membros da família (Martins et. al., 2008).

Para o autor, o pertencimento se refere aos sentimentos de inclusão e participação dentro da família, implicados na noção de sentir-se membro, condição que promove um compartilhamento de crenças, valores, regras, mitos e segredos familiares, enquanto que a diferenciação representa um movimento de afirmação da singularidade e autonomia do sujeito, que possibilitam ao indivíduo conseguir pensar e se posicionar de maneira independente dos valores defendidos por sua família (Bowen, 1978; 1979; Martins et. al., 2008), condições que repercutiram na maneira como o indivíduo se relacionará e estabelecerá relacionamentos afetivos e conjugais.

De acordo com Osório e Valle (2002), o casal representa a célula primária de um sistema familiar, a qual dá origem ao agrupamento familiar. A partir da formação do casal, cada sistema familiar estabelecerá formas específicas de relacionamento, fruto de uma dinâmica relacional estabelecida muito antes do nascimento dos membros que compõem o casal. Tal dinâmica se constitui sob influência de fatores sociais e culturais, presentes no

ambiente em que o sistema está exposto, e de padrões transgeracionais, ou seja, de padrões que são transmitidos entre as gerações e que contribuem para que os indivíduos repliquem os modelos e as formas de interações relacionais aprendidas com suas famílias de origem em seus demais relacionamentos e contextos (Osório e Valle, 2002). Levam-se, assim, tanto para as relações amorosas quanto para as novas famílias, estas que serão formadas por pai, mãe e filho, uma espécie de bagagem emocional que é capaz de determinar a forma como os indivíduos se relacionarão entre si.

De maneira complementar, Skowron e Schmitt (2003) apontam que quando os processos de diferenciação e vinculação emocionais são desenvolvidos de forma disfuncional nas famílias de origem, os indivíduos tendem a desenvolver-se de maneira dependente, procurando, consciente ou inconscientemente, por parceiros com os quais possam fusionar-se psicológica e emocionalmente, a fim de constituir a relação amorosa com base no nível de diferenciação emocional desenvolvido, perpetuando o modo de funcionamento familiar. Destaca-se, assim, a importância de se compreender os aspectos que envolvem o estabelecimento de padrões de funcionamento familiares disfuncionais e suas possíveis implicações no processo de diferenciação emocional dos indivíduos, mais especificamente, das mulheres.

Considerando a importância de maiores estudos que se proponham a investigar, à luz da abordagem sistêmica, o nível de diferenciação e fusão emocional como instância que governa a escolha e permanência de mulheres em seus relacionamentos amorosos, faz-se necessário lançar um olhar mais aprofundado sobre o tópico, buscando observar como mulheres pouco diferenciadas se relacionam amorosamente com seus parceiros e se há repetição de padrões familiares em suas condutas e escolhas românticas.

Para o alcance de tais objetivos, dividiu-se a presente pesquisa em capítulos específicos. Na primeira parte da fundamentação teórica, discorre-se sobre o processo de diferenciação e individuação do *self*, tal como defendido por Bowen (1979), visando compreender quais são os aspectos que influenciam no nível de diferenciação alcançado pelos indivíduos. O segundo capítulo aponta a importância da família para o desenvolvimento da personalidade e identidade dos indivíduos, abarcando conceitos referentes à estrutura e ao funcionamento familiar, que colaboram na qualidade dos laços e relações estabelecidas pelos indivíduos (Minuchin, 1982).

De maneira complementar ao indicado nos capítulos anteriores, o terceiro capítulo aborda os aspectos referentes à repetição dos padrões de funcionamento aprendidos nas famílias de origem nas demais relações afetivas e amorosas desenvolvidas pelos indivíduos, condição ocorrida por meio da transmissão geracional (Bowen, 1979). Por fim, compreendendo a importância que o contexto social e cultural exerce na construção de padrões relacionais disfuncionais, que são propagados às demais gerações, no quarto capítulo aponta-se como a atribuição de papéis de gênero, cunhados social e culturalmente, impactam no processo de subjetivação dos indivíduos, visando explorar, principalmente, os impactos provocados na formação da identidade e visão de valor pessoal das mulheres.

Objetivo Geral:

- Analisar os padrões de funcionamento familiares e suas implicações nos processos de diferenciação emocional das mulheres, visando compreender como estes colaboram para o estabelecimento de vínculos dependentes nas relações amorosas.

Objetivos específicos:

- Analisar os processos de diferenciação e individuação do *self*, buscando identificar o nível de diferenciação emocional alcançado pelas mulheres e o seu impacto na formação de suas identidades.
- Compreender o funcionamento das famílias de origem e a influência deste para a construção de padrões de relacionamento disfuncionais.
- Observar aspectos relativos à transmissão geracional, buscando identificar a repetição de padrões aprendidos, principalmente no que tange aos papéis de gênero desempenhados pelas mulheres dentro de seus relacionamentos amorosos.

Fundamentação Teórica

Os processos de indiferenciação e individuação do *self* e suas implicações no funcionamento emocional dos indivíduos

As pesquisas a respeito dos processos de vinculação e formação da identidade ganharam maior consistência dentro do campo da abordagem sistêmica a partir da década de 1950, quando Murray Bowen começou a investigar os aspectos geradores das relações simbióticas estabelecidas entre mães e filhos, focando nas consequências negativas desse tipo de relação para o ajustamento psicológico dos filhos. As observações das dinâmicas relacionais, estabelecidas entre pacientes esquizofrênicos e suas mães, levaram Bowen a perceber que o apego excessivo, somado à presença de uma ansiedade de ligação, manifestavam-se de maneira disfuncional e patológica, em ciclos alternados de proximidade e distanciamento (Santos, 2008).

Os estudos a respeito da relação mãe-filho, denominada por Bowen (1979) como relação “díade”, levaram o teórico a ampliar seu olhar para as demais relações familiares, abarcando em seus estudos as conexões estabelecidas entre mãe-filho-pai, as quais caracterizou como relações “tríades”, e as relações desenvolvidas com a família extensa, composta pelos avós, tios, primos, etc. Com base em suas pesquisas, Bowen (1979) postulou o conceito de triângulo que, formado pelas relações tríades, marca o centro da construção do sistema relacional de um indivíduo (Santos, 2008).

Ao ampliar a hipótese de que o apego excessivo, existente em uma díade simbiótica mãe-filho, poderia ser vivenciado com os demais membros da família, foi possível constatar uma repetição de padrões relacionais, confirmando a influência que os membros de uma família exercem uns sobre os outros. Os achados de Bowen deram início ao que posteriormente seria a base de sua Teoria dos Sistemas Familiares, que lançou um novo olhar

ao campo da psicologia e da terapia familiar (Martins, Rabinovich & Silva, 2008; Costa, 2010).

A partir da constatação de um apego familiar preexistente, Bowen (1979) formulou a ideia da existência de duas forças vitais que, embora opostas, se contrabalanceiam dentro de um indivíduo. Tais forças são os processos de indiferenciação (fusão do ego) e individuação (diferenciação de si mesmo), que estão na matriz da identidade e interferem em todo o sistema relacional do sujeito (Santos, 2008; Martins, et. al, 2008). De acordo com Martins et. al. (2008) e Santos (2008), no processo de diferenciação, o indivíduo é impulsionado por uma força que conduz à união e à formação do vínculo, também definida como proximidade, enquanto que na individuação, o sujeito é impulsionado por uma força de separação ou afastamento, que o lança à liberdade, em direção à diferenciação.

O equilíbrio entre as forças, denominado no campo sistêmico como homeostase, é responsável pelo funcionamento saudável do indivíduo (Bowen, 1978), sendo este promotor de bem-estar psicológico e de um ajustamento adequado. Ressalta-se que quando este equilíbrio não ocorre, o sujeito pode desenvolver um processo de vinculação emocional disfuncional, que repercutirá em sua vida psíquica e relacional, podendo se manifestar de maneiras distintas, a depender da força que prevalece (Martins, et. al, 2008).

Nesse sentido, um desequilíbrio entre as forças que direcionam o indivíduo à união, pode resultar em um processo de fusão, aglutinação e indiferenciação, noções que se inter-relacionam na complexidade da formação do sistema emocional e identitário do sujeito e que baseiam os conceitos, propostos por Bowen (1979), de massa indiferenciada do ego familiar e diferenciação do *self* (Martins et. al, 2008; Bueno et. al., 2013; Santos, 2008). Para o autor, a fusão emocional (massa do ego familiar), refere-se a uma intensa fusão do ego em relação à família nuclear, composta por pai, mãe e filho, das gerações atual e futura (Bowen, 1979; Santos, 2008).

O funcionamento de um sistema de fusão emocional depende, em essência, da vivência de momentos cíclicos na relação em que ora se tenha um contato intenso e excessivamente próximo, o qual acaba por provocar uma carga elevada de ansiedade em todos os envolvidos, e ora haja um afastamento, em que os indivíduos participantes da relação se rejeitam, distanciando-se uns dos outros (Santos, 2008). Destaca-se que este tipo de funcionamento, pode obstruir o alcance da autonomia dos indivíduos e interferir em sua capacidade de decidir de acordo com seus próprios conceitos e critérios, de modo a recorrerem à polaridades reativas (Santos, 2008). Nesse sentido, indivíduos fusionados seriam mais facilmente levados à emotividade, tendo suas vidas conduzidas pela reatividade àqueles que os cercam (Bowen, 1979; Bueno et al., 2013).

No que diz respeito à diferenciação do self, Bowen (1979) destaca que o processo de se diferenciar abarca todo o ciclo de desenvolvimento do indivíduo, configurando-se como um processo dinâmico e evolutivo que, se bem estruturado, desenvolve nos sujeitos a capacidade de estabelecer um equilíbrio entre os funcionamentos emocional e intelectual, que favorece a vivência de intimidade e autonomia dentro de suas relações (Martins et al, 2008), sendo o conceito não somente equivalente à noção de identidade, individualidade e maturação, mas ampliando-se dos indivíduos para os relacionamentos (Bueno et. al., 2013).

Neste sentido, Martins (2005) aponta a diferenciação como uma afirmação da singularidade, indicando que quanto mais diferenciados forem os indivíduos, mais eles se auto responsabilizam e investem em seus relacionamentos e meio pertencente, cuidando de si mesmos, dos outros e do ambiente em que estão inseridos (Bueno et al., 2013), desenvolvendo menos problemas psicológicos e interpessoais (Skowron, Stanley e Shapiro, 2009; Bueno et al., 2013).

De maneira complementar ao indicado por Bowen, Minuchin (1982; Minuchin & Fishman, 1990) destaca o papel da família para a construção da identidade pessoal dos

indivíduos, indicando que a família é o ambiente de desenvolvimento da personalidade do ser humano e que, como tal, funciona como o grupo ou unidade social primária que modula as demais relações que o indivíduo estabelecerá com o mundo. Dessa forma, a família é a matriz da identidade do indivíduo, estando os processos de individuação e diferenciação do *self* intimamente ligados ao funcionamento da estrutura familiar e à capacidade dos membros em estabelecerem limites e regras às relações, aspectos que embasam os conceitos de subsistemas, fronteiras, hierarquias familiares (Minuchin, 1982; Santos, 2008) e transmissão geracional (Bowen, 1991; Minuchin, 1982), que serão explorados mais adiante.

Família como matriz de identidade

De acordo com Minuchin (1982), a família é compreendida como a matriz de identidade dos indivíduos, que desenvolvem seus aspectos identitários a partir da vivência de processos de separação e pertencimento, estabelecidos entre seus membros. Assim, a qualidade dos vínculos estabelecidos entre os indivíduos e o seu sistema familiar, bem como as trocas mútuas presentes em seu interior, serão fundamentais para a constituição da identidade e para a interação dos indivíduos com os seus demais grupos de pertencimento (Penso & Moraes, 2016; Costa, Conceição, Penso & Carreteiro, 2017).

De acordo com Penso & Moraes (2016), os processos de separação e pertencimento são vivenciados ao longo do Ciclo de Vida Familiar, em momentos em que a família se desorganiza e demanda que seus membros se adaptem e flexibilizem a atuação de seus papéis e funções dentro da família. Este movimento relacional influencia no processo de individualização, que proporciona a separação emocional e, posteriormente, permite com que haja novamente a coesão, definida como um vínculo emocional estabelecido entre os membros da família (Penso & Moraes, 2016).

O processo de individualização é marcado por fases de instabilidade, confusões e incertezas, que conduzem os membros a um novo equilíbrio emocional, que é capaz de

permitir que a família tolere a diferenciação de seus membros. Dessa forma, as famílias que estimulam a separação e a individualização, proporcionam aos seus membros um espaço privilegiado de pertencimento, enquanto que as famílias que rejeitam as mudanças e mantêm seus membros fusionados ou aglutinados, enfraquecem seu papel no meio cultural e aumentam a possibilidade do adoecimento (Penso & Moraes, 2016; Bowen, 1979) psíquico e emocional dos indivíduos participantes.

Nessa perspectiva, a família tem a função de proteger e favorecer a socialização de seus membros, acomodando e transmitindo uma determinada cultura (Minuchin & Fishman, 1990). Destaca-se que, independentemente da organização familiar estabelecida, todas as famílias proporcionam um espaço de proteção que garante a sobrevivência dos seus membros (Minuchin, 1982, Osório, 2011; Penso & Moraes, 2016), por meio do estabelecimento de regras e normas de convivência que perpassam as gerações e são mantidas pela forma como os membros estabelecem fronteiras e hierarquias nos relacionamentos familiares (Minuchin, 1982; Penso & Moraes, 2016).

Subsistemas, fronteiras e hierarquias familiares

Ao explorar os aspectos que compõem a estrutura das relações e dinâmicas familiares, Minuchin (1982), desenvolveu os conceitos de subsistemas, fronteiras e hierarquias. Segundo o autor, cada indivíduo na família pode pertencer a diferentes subsistemas, variando sua participação e influência em cada um deles, a depender das funções que exerce. Nesse sentido, um mesmo indivíduo pode ocupar uma função de marido ou esposa, quando estiver no subsistema conjugal (díade-casal) ou de pai ou mãe, quando inserido no subsistema parental, por exemplo. Destaca-se que é possível que um subsistema seja composto por vários indivíduos, como no caso do subsistema fraternal (irmãos) (Santos, 2008).

A organização dos subsistemas funciona por meio do estabelecimento de fronteiras que são responsáveis pela estipulação e determinação de regras, implícitas ou explícitas, de

convivência e participação familiares (Souza & Crepaldi, 2012), definidas e mantidas pelos membros a partir da posição que cada um ocupa na hierarquia familiar. Minuchin (1982) aponta que, ao integrar diferentes subsistemas, os indivíduos acabam por exercer diferentes níveis de poder, desenvolvendo habilidades variadas, de acordo com sua atuação em cada subsistema. Assim, para Minuchin (1982), ao longo do ciclo vital, um indivíduo pode vivenciar diferentes papéis, tais como o papel de filho, irmão, cônjuge, pai, etc (Santos, 2008).

De acordo com Souza e Crepaldi (2012), as fronteiras estabelecidas entre os subsistemas de um mesmo sistema familiar - estes formados pelos membros de uma família e organizados de acordo com os papéis e funções desempenhadas por cada um, bem como posições hierárquicas ocupadas pelos membros dentro da família -, objetivam assegurar a diferenciação dos membros do sistema e manter sua coesão, evitando a aglutinação (Minuchin, 1982; Santos, 2008). Nesse sentido, quando as fronteiras estabelecidas entre os membros de uma família não são bem delineadas, a diferenciação de cada um dos membros se torna prejudicada, o que os leva a desenvolverem um padrão relacional de apego e fusão emocional (Carter e McGoldrick, 1995).

Indica-se, assim, a influência que as dinâmicas relacionais estabelecidas e aprendidas no contexto familiar exercem sobre a formação da identidade e dos padrões relacionais de apego desenvolvidos pelos indivíduos, sendo estes passados sucessivamente entre as gerações por meio de um processo de transmissão relacional (Bowen, 1979; Skowron e Schmitt, 2003).

A influência da transmissão geracional no modelo de funcionamento dos indivíduos e na constituição de suas relações afetivas e amorosas

De acordo com Celestino e Bucher-Maluschke (2015), o conceito de transmissão geracional é um dos conceitos mais significativos dentro da teoria boweniana e tem como objetivo principal compreender o processo de repetição do funcionamento e padrões

relacionais existentes dentro da família, propagado entre as gerações. As autoras defendem que a intensidade da repetição dos padrões relacionais está intimamente ligada ao nível de diferenciação existente entre cada membro de uma família, que sofre influência das trocas e relações afetivas vivenciadas na família de origem, sendo transmitido entre as gerações por meio de projeções (Martins et. al., 2008), e que revelam o processo emocional da família, configurado antes mesmo do nascimento dos indivíduos (Celestino e Bucher-Maluschke, 2015).

Martins et. al. (2008) e Coelho (2007) apontam que os indivíduos tendem a escolher parceiros amorosos que apresentam um nível de diferenciação ou individuação semelhante ao desenvolvido por eles. Assim, os padrões de comportamentos aprendidos no contexto familiar de origem não somente influenciam para a construção da relação amorosa como também são mantidos na nova família, sendo projetados na relação com os filhos. Ressalta-se que, embora os filhos possam desenvolver diversos graus de diferenciação, acabam por não se afastar muito dos alcançados pelos pais (Coelho, 2007), tendendo a replicá-los, numa espécie de círculo vicioso relacional.

Dessa forma, se o nível de diferenciação de uma família indicar um padrão relacional de apego dependente, os membros desta tenderão a procurar por parceiros amorosos que apresentem características que favoreçam a manutenção do padrão aprendido. As escolhas amorosas também refletirão o observado no relacionamento conjugal dos pais, replicando-se o modelo de comunicação e resolução de conflitos aprendidos, bem como os papéis e funções desempenhadas por cada um dos pais dentro do relacionamento íntimo e familiar (Ferro, 2009).

Nesse sentido, destaca-se que a família, enquanto um sistema aberto em constante interação com o meio (Nichols & Schwartz, 1998), está sujeita a influências externas, que se

constituem por padrões e condutas sociais e culturais presentes no meio ao qual pertence, abrangendo também fatores econômicos e políticos. Tais aspectos impactam diretamente na maneira como se constituem e se desenvolvem os padrões relacionais e comportamentais da família, pois conforme aponta Coelho (2007), os padrões emocionais de uma família refletem os padrões emocionais da sociedade na qual está inserida. Desse modo, influenciam-se mutuamente e estabelecem um equilíbrio recíproco (Ferro, 2009).

Com base no indicado, é importante considerar que a forma como homens e mulheres se diferenciam emocional, psicológica e intelectualmente, formando assim sua identidade, sofre influência dos papéis e funções atribuídas a cada um deles nos âmbitos social e cultural. A ideia da existência de um comportamento adequado para cada gênero acaba por determinar a maneira como os indivíduos se relacionam e se posicionam na dinâmica familiar e dentro da relação amorosa (Peixoto et. al., 2000).

Implicações do gênero no processo de construção da identidade e papéis nas relações amorosas

De acordo com Zanello (2018), a palavra “gênero” refere-se a uma construção social do que é “feminino” e do que é “masculino”, e está pautada em aspectos que valorizam as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres e que acabam por se traduzirem em noções de oposição e desigualdade. Nesse sentido, o gênero funcionaria, num contexto de sociedades patriarcais, como um conceito relacional que implicaria, necessariamente, no estabelecimento de relações de poder, de privilégios e de maior ou menor prestígio. Dessa forma, as diferenças sexuais seriam utilizadas para justificar espaços sociais de maior ou menor empoderamento (Zanello, 2018).

De uma perspectiva psicológica, o gênero seria capaz de abarcar conceitos de assinalação (rotulação ou atribuição); identidade e papéis sociais, definindo a forma como

homens e mulheres se vêem, se comportam e se relacionam, entre si e na sociedade. De acordo com Laurentis (1984), o sujeito se constitui no gênero, conceito que abarca não somente as diferenças sexuais, mas também os códigos linguísticos e representações culturais, que são mantidos e propagados por meio de tecnologias sociais de gênero. Quando estas tecnologias estão pautadas em culturas sexistas, o processo de tornar-se pessoa carrega como significado tornar-se homem ou mulher, implicando na construção de uma pedagogia afetiva, capaz de determinar a forma de ser e sentir de cada um dos gêneros (Le Breton, 2009).

Nesse sentido, Zanello (2018) aponta que as tecnologias de gênero afetam todo o sistema simbólico e relacional de uma sociedade, ganhando força por meio das mídias sociais, que são capazes de modular o pensamento e comportamento dos indivíduos inseridos em seu meio. Através de filmes, seriados, revistas, etc, pode-se construir concepções e crenças a respeito das relações conjugais, estas privilegiadas e referenciadas por relações heterossexuais, além de estabelecer diferentes performances gendradas a homens e mulheres. A este respeito, a autora destaca que, no que tange especialmente às mulheres, as mídias acabam por difundir a ideia de que a coisa mais importante que pode acontecer na vida de uma mulher é encontrar um homem e que, ao encontrá-lo, ele “deve ser o centro motivador organizador de sua vida”, de forma a naturalizar “a ideia de que o sonho de toda mulher é se casar” (Zanello, 2018, p. 47).

Tais concepções seriam governadas por dispositivos de gênero que influenciam no processo de subjetivação dos indivíduos. Ao discorrer a respeito das implicações que o gênero e seus dispositivos podem ocasionar à saúde mental dos indivíduos, Zanello (2018) defende que o processo de subjetivação de homens e mulheres é intermediado por dispositivos culturais e historicamente demarcados que, quando gendrados, seriam capazes de

criarem vulnerabilidades identitárias diferenciadas e específicas em cada indivíduo, evidenciadas no sofrimento psíquico vivenciado por homens e mulheres em suas relações afetivas.

Considerando que os valores culturais e sociais são ensinados e propagados pela família, e que estes influenciam na construção da identidade e no processo de subjetivação e individuação dos indivíduos (Minuchin, 1982; Bowen, 1979), faz-se necessário investigar como os aspectos mencionados estão implicados na maneira como as mulheres se percebem e vivenciam as relações amorosas, desenvolvendo vínculos dependentes e de fusão emocional com os seus parceiros.

Método

Participantes

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram entrevistadas três mulheres com idades entre 21 e 52 anos, solteiras e/ou divorciadas, que no momento da coleta de dados estavam vinculadas a dois grupos da entidade sem fins lucrativos Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), com polos nos bairros da Asa Norte e do Gama, localizados na cidade de Brasília.

Procedimentos e instrumentos

Em etapa inicial, o projeto de pesquisa foi submetido à aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília - CEUB. Obtida a aprovação, foi conduzida a segunda etapa da pesquisa definida pela seleção das participantes, realizada em conjunto com a entidade MADA, a partir de autorização da entidade e indicação de potenciais mulheres interessadas em participarem do estudo. Após indicação de interesse, foi acordado com as participantes os dias e horários em que as entrevistas deveriam ocorrer. Os encontros, realizados de maneira individual na modalidade online, tiveram duração média de

1 hora e 10 minutos e ocorreram de acordo com a disponibilidade das participantes, em fase única de entrevista.

A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, utilizou entrevistas semiestruturadas como instrumento para a coleta de dados. Em razão dos impasses enfrentados na aprovação das entrevistas pela coordenação da MADA e do período indicado em cronograma para realização da pesquisa, optou-se por excluir o Genograma, ferramenta rica para compreensão das relações familiares e que inicialmente havia sido indicada no projeto como instrumento complementar para coleta de dados, mas que demandaria um número maior de encontros com as participantes, condição que potencialmente atrasaria o desenvolvimento da pesquisa. Dessa forma, seguiu-se somente com as entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e transcritas na íntegra pela pesquisadora, a partir da autorização das participantes e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para análise e discussão dos dados obtidos, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo (AC), em proposta metodológica adaptada por Laurence Bardin (2016), e que se caracteriza como um conjunto de técnicas utilizadas para análise das comunicações, realizada a partir de procedimentos sistemáticos que visam à descrição do conteúdo das mensagens (Santos et. al., 2019). Neste método, valoriza-se a retórica e a hermenêutica do conteúdo, que busca identificar o sentido e interpretar o significado das palavras manifestas no discurso (Bardin, 2011; Santos, et. al., 2019).

A partir do indicado por Moroz (2002) e Deslandes (1994), os discursos foram agrupados em categorias e subcategorias, que podem seguir por dois caminhos distintos, a depender dos objetivos do pesquisador. No primeiro caminho, estabelecem-se categorias que são criadas *a priori*, pautadas em um modelo pré-ordenado que visa o alcance de respostas almejadas pelo pesquisador. No segundo caminho, as categorias emergem das falas dos

participantes e estão apoiadas em leituras do material de análise e teorias que embasam o discurso (Franco, 2005; Quissini & Coelho, 2014). Considerando os objetivos propostos para esta pesquisa, optou-se por seguir o primeiro caminho de análise.

Resultados

Categorias de análise

A análise do conteúdo coletado partiu-se das percepções das participantes da pesquisa a respeito de suas vivências afetivas e amorosas, que foram descritas e analisadas em três categorias centrais e subcategorias relacionadas, definidas *à priori*, a partir dos objetivos propostos e do referencial teórico que embasa a pesquisa. Tais categorias foram nomeadas como: “processo de diferenciação e individuação do *self*” (Bowen, 1979), “padrão de funcionamento familiar” (Bowen, 1979; Minuchin, 1982) e “transmissão geracional e papéis de gênero” (Bowen, 1979; Minuchin, 1982). As subcategorias foram organizadas como “nível de diferenciação emocional”, “relacionamento familiar” e “repetição dos padrões relacionais”, conforme destacado na Tabela 1, abaixo. Visando resguardar a identidade das participantes, os discursos foram identificados pelas letras “M”, correspondente à indicação de “Mulher” e numerados de acordo com a ordem da realização das entrevistas, de 1 a 3.

Tabela 1 – Tabela descritiva das categorias e subcategorias de análise

Categorias	Subcategorias	Elementos de Análise
<p>Processo de diferenciação e individuação do self (Bowen, 1979) Processo que indica o nível de diferenciação emocional dos indivíduos, capaz de influenciar na construção da identidade e autoestima</p>	Nível de diferenciação emocional	<ul style="list-style-type: none"> ● Dificuldade de confrontação ou discordância ● Necessidade de aprovação e aceitação ● Insegurança ● Medo do abandono ● Ciúmes do pai
<p>Padrão de funcionamento</p>	Relacionamento familiar	<ul style="list-style-type: none"> ● Ausência de

<p>familiar (Bowen, 1979; Minuchin, 1982) Padrões e comportamentos familiares presentes nas famílias das entrevistadas</p>		<p>afetividade</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Controle excessivo dos pais ● Vivência ou exposição à violência verbal e/ou psicológica ● Rigidez na criação ● Abandono afetivo
<p>Transmissão geracional e papéis de gênero (Bowen, 1979; Minuchin, 1982) Conduta adotada, de modo consciente ou inconsciente, pelas entrevistadas em seus relacionamentos amorosos, a partir do aprendido com sua família de origem</p>	<p>Repetição de padrões relacionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Relacionamento amoroso com dependentes de álcool e/ou outras drogas ● Traição ● Relacionamentos abusivos, com controle excessivo por parte do parceiro ● Papéis de gênero - machismo nas relações amorosas

Discussão

Processo de diferenciação e individuação do self

Nível de diferenciação emocional

Esta categoria tem por objetivo central explorar os aspectos referentes ao processo de diferenciação e individuação do self, de modo a identificar os elementos que colaboram para a construção do nível de diferenciação emocional entre um indivíduo e sua família de origem. Conforme destacado anteriormente, o processo de diferenciação e formação da identidade sofre influência de duas forças, que embora opostas, se contrabalanceiam dentro dos indivíduos (Bowen, 1979). Estas forças, definidas como proximidade e separação, implicam na existência de momentos cíclicos na dinâmica relacional, em que ora o indivíduo é impulsionado para o pertencimento, em movimento à união e formação de vínculo, e ora ele é impulsionado ao afastamento, direcionando-se à liberdade e à diferenciação (Martins et. al, 2008; Santos, 2008). Bowen (1979) indica que este processo é vivenciado dentro da família

de origem e quando não ocorre de maneira equilibrada, o indivíduo pode desenvolver um vínculo disfuncional, que repercutirá em sua vida psíquica e relacional (Martins et. al, 2008).

A partir da análise dos discursos obtidos, pôde-se perceber que as entrevistadas desenvolveram processos de vinculação disfuncionais com suas famílias de origem, supondo-se o desenvolvimento de um baixo nível de diferenciação do *self*, que repercutiu no estabelecimento de uma fusão emocional das participantes com suas famílias e parceiros amorosos. Tal inferência está pautada na presença de sentimentos de possessividade e ciúmes excessivos, necessidade de aceitação e aprovação, insegurança emocional, dificuldade de posicionamento e discordância, além do medo do abandono, vivenciados nas dinâmicas relacionais familiares. É possível perceber alguns dos aspectos pontuados nos trechos das falas das participantes, descritos abaixo:

“[...] Às vezes eu quero me encontrar com alguém e eu ainda sinto muito aquele medo de falar: “olha mãe, tô indo me encontrar com alguém”. Eu penso: “como eu vou falar isso?”. Até hoje eu ainda tenho muito isso dentro de mim, sabe? Como se eu fosse realmente uma criança e eu já não fosse uma pessoa adulta.” (M1)

“Eu tinha uma verdadeira posse... até hoje eu sou muito possessiva com o meu pai. Eu tenho muito ciúmes”. (M2)

“Eu acho que isso vem desde lá de trás, desde da minha família. Eu sempre busquei aprovação, independente de tudo. [...] então assim, eu nunca me coloquei... eu nunca me impus, nunca me posicionei. [...] eu procurava não decepcionar... para ser aceita. Então eu acho que eu levei isso para minha vida inteira.” (M3)

Para Bowen (1979), todo indivíduo nasce fusionado à sua família, se diferenciando ao longo de seu desenvolvimento. No decorrer do ciclo vital, o indivíduo vivencia movimentos de pertencimento, ocorridos por meio do compartilhamento de regras, crenças, mitos, segredos e valores familiares, e de diferenciação, em que o indivíduo pode discordar do defendido pela família com a segurança de continuidade e permanência em seu interior, podendo, assim, expressar sua singularidade (Bowen, 1979; Minuchin, 1982; Fiorini, Müller & Bolze, 2018). Destaca-se que embora esse processo ocorra por todo o ciclo vital, de forma dinâmica e evolutiva, a diferenciação normalmente se estabelece de maneira mais sólida na

fase da adultez jovem, por ser o período que geralmente corresponde à separação emocional e/ou física dos indivíduos de suas famílias de origem (Carter & McGoldrick, 1995; Fiorini et al., 2018). Indica-se que indivíduos pouco diferenciados não conseguem vivenciar plenamente tais processos de separação (Fiorini et al., 2018).

Visando investigar as implicações emocionais e relacionais presentes em um indivíduo com baixo nível de diferenciação do *self*, Skowron e Schmitt (2003) desenvolveram um estudo de revisão da subescala de Fusão com Outros (FO), presente no Inventário de Diferenciação do *Self* (DSI), desenvolvido por eles. Os autores observaram que indivíduos que apresentam em seus padrões relacionais comportamentos e sentimentos direcionados ao pertencimento/fusionamento tendem a experienciar um maior medo do abandono, buscando se fusionarem com seus parceiros amorosos e demais pessoas significativas:

[...] “Todo final de semana a gente se via e dormia junto e deu o dia e ele não me chamou para ir ver ele.... ele não demonstrou que tinha interesse de me ver e nesse dia ele saiu para uma festa. E nesse dia eu fiquei me sentindo muito, muito, muito mal... fiquei tão mal que eu peguei todos os remédios que tinha no meu quarto, todos os remédios que tinha para casa também e ingeri todos, me auto mutilei até não querer mais. [...] e o engraçado foi que no outro dia eu acordei, estava no hospital né, tava com meu celular, por mais que eu tivesse sumido por horas e horas e horas, eles não perguntou e nem me mandou mensagem nenhuma.... a única coisa que eu queria naquele momento era um abraço dele. Eu peguei e contei pra ele: “Olha, eu tive uma tentativa de suicídio e, geralmente quando coisas assim acontecem são as pessoas que vem até você, né? Não, eu que fui atrás dele... assim que eu saí do hospital eu já fui na casa dele e a única coisa que eu queria era ver ele...” (M1)

Bowen (1979) e Bueno et al (2013) indicam que indivíduos fusionados seriam mais facilmente levados à emotividade, tendo suas vidas conduzidas pela reatividade àqueles que os cercam, chegando a confundir o que é proveniente de si mesmo e o que é do outro (Martini, 2012). Os aspectos indicados pelos autores puderam ser observados nos relatos citados das participantes, que aparentaram dificuldades para se separarem emocionalmente, tendendo a trazerem para si emoções e conceitos provenientes da dinâmica familiar ou relacional. Sobre este aspecto, notou-se a presença de uma reatividade emocional e

incorporação de sentimentos e crenças provindas do sistema familiar e vivenciadas pelas participantes por meio de triangulações.

Nos discursos, pode se perceber que, em certos momentos de crises e conflitos na relação dos pais, as participantes acabaram envolvidas na díade/subsistema conjugal (marido e esposa), trocando de papéis com as mães, a fim de assumirem o papel de esposa, internalizando os sentimentos e questões atravessadas por suas mães na relação conjugal como se lhes fossem próprias: “Até hoje eu ainda, assim, não aceitei que tenha outra... outra filha. [...] pareço mulher traída. ” (M2).

Kerr & Bowen (1988) apontam que a triangulação está relacionada ao envolvimento de uma terceira pessoa dentro de uma relação, muitas vezes conflituosa e carregada de tensão emocional, estabelecida entre dois membros de uma família. A entrada do terceiro componente tende a propiciar o descarregamento da tensão, reequilibrando o sistema de modo temporário. Segundo os autores, as triangulações frequentemente ocorrem entre os pais e um dos filhos e colaboram para a construção de uma percepção prejudicada ou tendenciosa dos pensamentos e sentimentos dos envolvidos, o que interfere no desenvolvimento da autonomia do filho participante da triangulação, impactando negativamente em seu processo de diferenciação (Kerr & Bowen, 1988; Fiorini et al., 2018). Julga-se, assim, que ao vivenciarem na família um espaço pouco privilegiado para a diferenciação, em alguns casos com presença de triangulação, algumas das participantes desenvolveram vínculos dependentes, que acabaram sendo estabelecidos também em suas relações amorosas.

Acredita-se que quando esse tipo de vínculo está presente no modo de funcionamento psíquico e emocional de um indivíduo, este acaba por se fundir ao seu parceiro, passando a se perceber em função dele (Skowron e Schmitt, 2003):

“Antes, eu era um pedacinho de L., tanto que eu tinha dúvidas se conseguiria viver sem ele e minha família também achava isso. Logo que eu me separei, meu pai chegou para mim e perguntou: ‘minha filha, você tem certeza? Você vai conseguir viver sem o L.? ’ Eu virei ele de uma forma tão grande, que eu tinha essa dúvida. Isso do meu pai foi uma das coisas que

mexeu muito comigo... porque mesmo sabendo que eu vivia um relacionamento ruim, ele talvez ainda achava melhor eu estar em um relacionamento ruim porque achava que fora desse relacionamento eu ia morrer... eu não ia conseguir viver.” (M2)

Os autores indicam que o fusionalismo emocional leva o indivíduo a não conseguir se visualizar de maneira individualizada, se vendo de modo incorporado ao parceiro, como uma extensão dele. Dessa forma, o processo de desligar-se do parceiro é mais dificultado, o que faz com que o indivíduo fusionado não consiga sair da relação amorosa por iniciativa própria, mesmo que não a deseje e nem se satisfaça mais com ela. Apoiando-se esta pontuação no mencionado pelas participantes a respeito de seus relacionamentos e parceiros amorosos:

[...] “E aí, pronto... aquilo foi o fim pra mim, mas mesmo assim eu não terminei com ele porque o meu apego não deixava... eu não conseguia. [...] eu pensava: como é que eu vou sair disso? Mesmo tendo consciência de todos os fatos, quando eu realmente abri os olhos, era muito difícil sair. [...] eu era muito apegada a ele. (M1)

De acordo com Skowron e Schmitt (2003), a insegurança emocional vivenciada por indivíduos pouco diferenciados os levam a optarem por relacionamentos íntimos com fronteiras menos delimitadas, que propiciam a ocorrência de uma confusão psicológica e emocional de limites com o parceiro. Nesse sentido, tais indivíduos podem apresentar uma maior dependência dos outros para regulação da autoestima, postura passiva/submissa nos relacionamentos, dificuldade de expressão e interação social, bem como tendência adaptativa às demandas do outro, expressa por uma dificuldade para se posicionar ou manter suas convicções pessoais (Skowron e Schmitt, 2003).

Em consonância com o indicado pelos autores, tais elementos puderam ser observados nos discursos das participantes ao relatarem sobre a forma como se sentiam e se colocavam em suas relações afetivas e/ou amorosas. Ao se moldarem às suas figuras significativas e parceiros, demonstraram o desejo de manutenção do vínculo e alcance de aceitação, abdicando, para isso, de sua autonomia:

“Eu era muito apegada à ele... o que que ele falava, eu fazia. O que ele gostava, eu gostava também... era tudo assim, sabe? O que ele gostava, eu gostava também... era tudo assim, sabe? Eu me sentia um cachorrinho, um pau mandado. Tudo que ele fazia, eu começava a fazer também. ” (M1)

“[...] é no sentido de fazer o que eu quero, tomar as minhas decisões. Eu tenho medo de ter uma pessoa e não poder ser eu. [...] eu não sei nem te explicar, mas eu não era eu mesma... eu era outra pessoa pra ele.” (M2)

Destaca-se, ainda, que as participantes demonstraram receio para discordar ou se posicionar de maneira segura (com garantia de pertencimento e manutenção do vínculo) em seus relacionamentos amorosos, temendo o abandono.

“Quando a gente brigava ele não me respondia, não fala comigo, me tratava muito mal. [...] eu falava: “foi por minha causa, eu errei, me desculpa, vamos tentar consertar isso... eu vou melhorar”, só que não era eu que tava errando.” (M1)

“Eu tava agradando ele. Eu sentia que era uma forma de agradar ele porque eu não queria que ele fosse embora. Era tinha que fazer ele feliz pra ele não me deixar.” (M2)

“Antes do meu ex-marido, eu tive alguns namoricos e 3 relacionamentos que foram mais extensos, mais demorados. Eu fui noiva com 18, namorei com ele por três anos, depois eu tive um outro namorado por um ano e meio e depois um outro namorado um ano e meio e aí, me casei. Esses relacionamentos foram calmos, não eram..., mas, eu acho que eu nunca me posicionava, nunca me impunha. [...] acho que eu sempre fico muito passiva.” (M3)

Skowron e Schmitt (2003) defendem que quando um estilo de apego disfuncional está presente no sistema familiar de origem, os indivíduos tendem a desenvolver-se de maneira dependente, procurando, consciente ou inconscientemente, por parceiros com os quais possam fusionar-se psicológica e emocionalmente, de modo a repetirem os padrões familiares aprendidos. De acordo com o analisado nos estudos realizados sobre o tema, normalmente os parceiros escolhidos se mostram inseguros, distantes e com necessidade de cuidados. Nesta dinâmica, o indivíduo pouco diferenciado buscará incessantemente suprir as necessidades do companheiro, deixando as suas próprias de lado, de modo a negar os seus sentimentos e desejos (Boscardin & Kristensen, 2011; Tavares & Ziberman, 2007). Esse aspecto também pôde ser observado nas falas das participantes, ao destacarem:

“Eu já tava numa fase em que eu tava muito exausta daquele relacionamento, já não aguentava mais. Eu tava pendendo a minha essência, sabe? O meu eu... eu não me reconhecia mais.” (M1)

“Era tanto medo de perder ele que eu tinha que fazer e organizar tudo. Eu não era eu dentro do meu relacionamento”. (M2)

“Eu acho que eu passei muitos anos sem me olhar, sem perceber muita coisa em mim, só cuidando do outro. Então isso... eu me anulei. Eu me anulei em muitos aspectos... em muitos

e acho que é isso... eu não percebia mais onde eu estava, quem eu era... eu não me enxergava.” (M3)

Skowron e Schmitt (2003) apontam, ainda, que indivíduos pouco diferenciados tendem a procurar por parceiros amorosos que tenham familiaridade com a relação de casal estabelecida como referência por seus pais, buscando construir a relação amorosa com base no nível de diferenciação emocional desenvolvido. Os estudos realizados a respeito deste tema destacam que o nível de diferenciação alcançado pelos filhos não se diferencia muito do desenvolvidos pelos pais (Martins et. al., 2008) e acaba por revelar o padrão de funcionamento familiar estabelecido (Carter & McGoldrick, 1995; Fiorini et al., 2018), aspecto que será abordado na categoria a seguir.

O padrão de funcionamento familiar

Relacionamento familiar

Na categoria de funcionamento familiar, privilegiou-se identificar os padrões comportamentais existentes nas famílias das entrevistadas, visando compreender como o funcionamento familiar contribuiu para a construção de um padrão relacional disfuncional. Nos relatos das participantes, observou-se o convívio próximo com dependentes de álcool e outras drogas, traições, controle excessivo dos pais, além de abandono afetivo e rigidez na criação.

A exposição à violência verbal e/ou psicológica e ausência de demonstração de afeto também foram aspectos observados nos discursos. Duas das entrevistadas afirmaram não terem recebido o afeto esperado, ou mesmo desejado ao longo de suas vidas, crescendo com uma ausência de demonstração de carinho por parte dos pais, conforme pontuado nos trechos:

“Eu fui saindo daquela fase de criança, de que ainda não entende muito o que tá acontecendo e já comecei abrir meus olhos, aí também ele (pai) começou em um nível de alcoolismo onde que já não tava mais respeitando as pessoas e eu sinto que isso começou a interferir muito... com certos xingamentos, com certas coisas... eu acho que eu fui cada vez mais me retraindo, né? Eu sinto isso, portanto que eu vejo meu pai muito como uma pessoa muito agressiva... não digo assim de bater e essas coisas, até porque nunca aconteceu com a gente, mas as palavras, o jeito... então, é uma coisa que dentro de mim ainda preciso trabalhar muito porque eu não consigo mesmo.” (M2)

“Ele (pai) não transparecia o carinho. Eu acho que a gente, na verdade, eu em particular, senti muita falta de ter uma pessoa para conversar, de vê-los como amigos, né? De ter abertura para conversar e não medo.” (M3)

De acordo com Tavares e Ziberman (2007), a vivência de estresse emocional e ausência afetiva durante a infância podem ser fatores psicológicos importantes para a construção de um vínculo dependente. Os indivíduos que desenvolvem tal tipo de vínculo com suas figuras significativas e parceiros amorosos costumam desenvolver baixa autoestima e apresentar em suas relações características de insegurança, baixa tolerância à frustração, ancoragem no passado, vulnerabilidade para o sofrimento e ausência de autocontrole (Tavares e Ziberman, 2007), aspectos observados nas participantes, em maior ou menor medida.

Conforme apontado anteriormente, os vínculos dependentes são desenvolvidos como consequência de um processo de diferenciação emocional prejudicado (Bowen, 1979), possibilitado pela existência de dinâmicas relacionais disfuncionais estabelecidas entre os membros de uma família. Tais dinâmicas são fruto de um funcionamento familiar comprometido, que pode levar ao adoecimento de seus membros (Wagner, Tronco & Armani, 2011). Destaca-se que o funcionamento se refere à forma como a família se organiza, de modo a revelar a estrutura familiar constituída (Minuchin, 1982; Wagner et al., 2011).

Segundo Minuchin (1982), a estrutura familiar diz respeito ao conjunto invisível de exigências funcionais que determinam a maneira como as interações entre os membros da família deverão ocorrer, funcionando, assim, como o conjunto de regras que regulam as transações familiares. Nesta perspectiva, indica-se a família como um sistema que opera por meio de padrões transacionais, ou padrões de funcionamento, que são constantemente ativados quando os membros do sistema estão em interação uns com os outros (Wagner et al., 2011).

Nichols e Schwartz (2007) afirmam que é a partir dessas interações que se definem os padrões relacionais e comportamentais, de modo a também determinarem as hierarquias e papéis dentro da família, que podem ser claros ou confusos, a depender de como as fronteiras relacionais estão estabelecidas. Na análise das falas das participantes, pôde-se constatar a existência de fronteiras emaranhadas e desligadas, em que os limites e regras de participação e convivência familiares são pouco ou muito enrijecidos. Os elementos que constituem essa análise partem-se da percepção de comportamentos permissivos ou intrusivos dos pais, com extremos de proteção/permissividade e/ou rigidez na criação. Acredita-se que tais fatores podem ter colaborado para o desenvolvimento de uma baixa diferenciação do *self* e, conseqüentemente, para uma construção prejudicada da identidade e visão pessoal (autoestima) das participantes.

“Meu pai sempre foi desse jeito meio carrasco, grosso com ela (mãe), desde sempre. Ele sempre foi assim e também é assim com a gente, com a criação dos filhos.” (M1)

“Assim, eu tive um relacionamento muito bom com meu pai, na verdade eu era piolha do meu pai... um pouquinho de Electra e Édipo ali, sabe? Um pouquinho não, muito... eu era realmente grudada com meu pai, até um pouco antes de eu me casar. Eu era grudada, grudada, grudada com meu pai, de até assim... os meus amigos falavam que eu era o “menininho do papai.” (M2)

“Meu pai era um homem muito forte, mas ele era muito fechado, pouco a gente sabia sobre ele, dos sentimentos... a gente sempre viu ele como uma pessoa bem ríspida. [...] ele sempre foi muito duro, muito... tinha que ser as regras certinhas, tudo muito certo, do jeito que ele queria.” (M3)

De acordo com Nichols e Schwartz (2007), as fronteiras são barreiras invisíveis que demarcam a interação de todo o sistema familiar, tendo como objetivo delimitar as trocas emocionais entre os membros de uma família. Assim, elas podem ou não possibilitar a permeabilidade das emoções entre os participantes de um sistema (Ríos-González, 2009; Wagner et al, 2011). Conforme mencionado anteriormente, as fronteiras têm como principal função proteger a estrutura do sistema e permitir a diferenciação de seus membros (Minuchin, 1982), estando o funcionamento do sistema intimamente relacionado à nitidez de suas

fronteiras. Nesse sentido, destaca-se que, quanto mais nítidas as fronteiras de um sistema forem, melhor este sistema funcionará (Minuchin, 1982; Wagner et al, 2011).

Ao discorrer sobre o funcionamento das fronteiras dentro da estrutura familiar, Minuchin (1982) ressalta que, tal como no processo de diferenciação, este também pode pender para dois extremos opostos (Minuchin, 1982; Pelegrini et. al., 2015), indicados como emaranhamento e desligamento (Minuchin, 1982). Nas famílias com funcionamento emaranhado, há a presença de padrões relacionais com fronteiras difusas, ou pouco nítidas, com confusão de papéis e tendência à fusão emocional entre os membros, enquanto nas famílias desligadas, as fronteiras são rígidas, com papéis bem definidos e pouca comunicação e troca emocional entre os participantes do sistema (Wagner et al., 2011). Destaca-se esses padrões, de emaranhamento e desligamento, nos trechos das falas das participantes:

“Eu pressionava ele para contar para minha mãe e ele falava que ia contar, mas ele passava mal, fazia um rebuliço e aí eu ficava com medo do meu pai... ele é cardíaco e tudo. Eu pressionava ele pra contar porque eu não tinha coragem de contar para ela... quando a mulher que está com ele começou a me mandar mensagens dizendo que o meu pai tinha uma amante e etc, eu não acreditei... eu acreditava no meu pai acima de tudo. E aí depois ela começou a dizer que meu pai tinha uma filha e eu indagava ele e ele falava que não... até que um dia ele falou que sim e foi... tipo... meu mundo caiu.” (M2, padrão emaranhado)

[...] “Com o meu pai já sou muito fechada, portanto que eu não sou muito uma pessoa.... eu não consigo demonstrar muito as minhas emoções pros meus pais. Não consigo muito demonstrar carinho e essas coisas... afeto.” (M1, padrão desligado)

[..] “Com o meu pai, era mais uma relação de medo. Ele sempre impôs muito a autoridade dele dentro de casa e com a minha mãe, era mais distante...” (M3, padrão desligado)

Carter e McGoldrick (1995) apontam que os membros das famílias emaranhadas estão mais sujeitos a sofrerem prejuízos emocionais, psicológicos e cognitivos pois o sentimento de pertencimento ao sistema familiar demanda que estes abram mão de sua autonomia (Pellegrini et al, 2015), em uma dinâmica relacional marcada pela constante intromissão e participação dos membros do sistema uns nas vidas dos outros. Assim, o funcionamento destas famílias se caracteriza, principalmente, por confusões de papéis e excesso de

envolvimento emocional (Wagner et al, 2011). Destaca-se tais aspectos no trecho da entrevista de uma das participantes:

[...] “No começo, logo depois do divórcio deles, foi bem complicado... minha mãe teve uma crise de depressão, então eu saía do serviço e ia para casa dela para cuidar dela, para auxiliar porque ela não queria tomar banho, não queria comer, né... então foi muito complicado. Eu pedia perdão para ela todo dia por não ter feito nada, mas, assim, depois de um tempo ela entendeu que não era uma questão... digamos que não foi puramente por egoísmo meu, não foi para defender o meu pai.” (M2)

No que diz respeito às famílias desligadas ou desengajadas, com fronteiras rígidas, Wagner et al (2011) destacam que neste tipo de sistema a função protetiva fica comprometida, pois a dinâmica relacional é marcada pelo distanciamento emocional, o que colabora para o estabelecimento de vínculos frágeis entre os indivíduos, prejudicando na formação e percepção de sentimentos de lealdade e pertencimento dos membros para com o sistema (Wagner et al, 2011). Andolfi (1984) aponta que nas famílias com fronteiras rígidas, a ocorrência de mudanças na dinâmica relacional e no funcionamento familiar é mais dificultado pois as regras de convivência estipuladas nessas famílias passam a mensagem, muitas vezes implícita, de que para participar e ser aceito, o indivíduo precisa ser aquilo que o sistema exige (Pellegrini et al., 2015). Destaca-se o pontuado pelos autores na fala já citada da participante: “tinha que ser as regras certinhas, tudo muito certo, do jeito que ele queria” (M3).

Destaca-se que apesar de ter sido identificado padrões de funcionamento divergentes nas estruturas familiares das mulheres entrevistadas, com presença de fronteiras difusas e rígidas, ambas as dinâmicas relacionais pareceram exercer um impacto semelhante no ajustamento emocional e psicológico das participantes, aspecto que chama atenção e para o qual não foi possível encontrar respostas claras no referencial teórico utilizado. Com base nos discursos, foi possível perceber que mesmo as participantes provindas de sistemas desligados procuraram se fundir com seus parceiros amorosos, inferindo-se que, ao vivenciarem vínculos mais fragilizados com suas famílias de origem, tais mulheres acabaram por

desenvolverem uma lacuna afetiva e familiar, a qual procuraram preencher em seus relacionamentos e parceiros amorosos, como se destaca na fala: “Desde cedo eu acho que eu sempre tive isso de... às vezes me envolvi por pouco tempo com a pessoa e já tinha um apego muito grande à ela.” (M1).

Embora as participantes tenham desenvolvido respostas emocionais similares, ressalta-se que os tipos de fronteiras pareceram colaborar para a constituição de um padrão comportamental dominante nas participantes. A este ponto, sugere-se que a participação em um sistema familiar desconectado e de pouca troca emocional, pode ter colaborado para o desenvolvimento de um padrão relacional passivo em algumas das participantes, com pouco posicionamento e imposição de desejos e vontades pessoais em seus relacionamentos:

“Então assim, acho que eu sempre fico muito passiva. [...] Vou dar um exemplo bobo, mas se tivesse que escolher entre o parque e o restaurante e eu quisesse ir no parque, mas ele falasse: “não, vamos no restaurante”, eu sempre cedia e a gente ia para o restaurante. ” (M3)

Em movimento contrário, infere-se que a participante que vivenciou o emaranhamento em seu sistema familiar, com presença de fronteiras difusas, acabou por desenvolver um padrão comportamental reativo, manifestado pela forma agressiva com que, muitas vezes, reage aos conflitos vivenciados dentro de suas relações afetivas e amorosas:

[...] “Nossa, assim... eu já estive pior, não vou dizer que não... eu já estive em situações bem mais delicadas. E... já quebrei o carro do meu pai com um martelo. Quebrei os vidros do carro dele porque ele mentiu muito para mim. Ele ficava dizendo que não, tipo, que não ia largar a família para fazer nada... enfim, ele mentia demais para mim.” (M2)

Ressalta-se que, embora o pontuado a respeito do padrão comportamental dominante das participantes esteja em concordância com a literatura, parece existir uma deficiência de aporte teórico, principalmente em pesquisas e estudos realizados no Brasil, que melhor expliquem como tais padrões comportamentais são desenvolvidos em indivíduos pouco diferenciados, destacando-se, principalmente, a pouca clareza com relação às consequências geradas por um sistema desligado no emocional, psicológico e cognitivo dos indivíduos.

Transmissão geracional

Conforme indicado, o funcionamento familiar revela a estrutura da família, que tende a ser preservada por meio da transmissão dos padrões, crenças e valores familiares às demais gerações (Celestino e Bucher-Maluschke, 2015). Considerando a importância desse aspecto, nesta categoria buscou-se analisar os elementos referentes à repetição dos padrões aprendidos no sistema familiar. A partir da análise dos discursos, pôde-se verificar a influência que as famílias de origem das participantes exerceram para a constituição de seus relacionamentos amorosos, constatando-se uma repetição inconsciente dos padrões relacionais e de funcionamento familiares, que levaram as participantes a replicarem com seus parceiros amorosos as dinâmicas de traições, abuso de substâncias e violência verbal e/ou psicológica, tal como vivenciadas em suas famílias.

Em seus discursos, as participantes frisaram as traições cometidas por seus pais às suas mães. Observou-se que, de modo semelhante, as três mulheres acabaram por desenvolver um histórico relacional de infidelidade conjugal, com parceiros infiéis, e com relações que também culminaram em separação ou divórcio. Há também uma repetição na dinâmica relacional estabelecida entre os pais e as mães das participantes (díade conjugal), com a presença de controle por parte do parceiro. Tais aspectos foram percebidos e reconhecidos pelas participantes da pesquisa na dinâmica relacional estabelecida com seus parceiros amorosos, destacando as semelhanças existentes entre os pais e os parceiros:

“A história do meu pai já é uma questão bem de traição. Meu pai sempre traiu minha mãe”. /
“O principal é a infidelidade...em todos os relacionamentos que eu tive, eles foram infiéis. E também achava eles muito controladores, sabe? Todos me controlavam muito.” (M1)

“Eu acho que a infidelidade dos dois é igualzinha... o meu pai foi um homem infiel. Ele foi infiel desde o começo do casamento...” (M3).

De modo complementar, percebeu-se que algumas das entrevistadas repetiram o exato padrão comportamental de seus pais com seus parceiros amorosos, replicando em suas

relações amorosas o padrão de funcionamento aprendido na família, de pouca comunicação e troca emocional.

“Ele era um homem muito forte, ele já é falecido, mas ele era muito fechado, pouco a gente sabia sobre ele, dos sentimentos...” (sobre o pai). /“Mas ele também é uma pessoa... é difícil saber o que ele tá pensando na verdade. Muitas vezes eu não consigo chegar... ele é muito fechado nos sentimentos dele.” (sobre o ex-parceiro).” (M3)

De acordo com Ferro (2009), as escolhas amorosas de indivíduos pouco diferenciados tendem a repetir o observado no relacionamento conjugal dos pais, replicando-se o modelo de comunicação e resolução de conflitos aprendidos, bem como os papéis e funções desempenhadas por cada um dos pais dentro do relacionamento íntimo e familiar. Nesse sentido, os padrões transacionais são determinados pela repetição de comportamentos, nem sempre conscientes ou verbalizados, que, ao mesmo tempo que dão identidade ao indivíduo, conservam a estrutura familiar desenvolvida (Minuchin, 1982). Os padrões familiares recorrentes podem ser manifestados pela transmissão geracional, que está relacionada a uma aprendizagem emocional familiar que é transmitida durante várias gerações (Martins, 2008; Martini, 2012).

Em famílias emaranhadas e com prevalência de um baixo nível de diferenciação emocional entre os seus membros, é possível que ocorram dificuldades relacionadas aos papéis desempenhados pelo subsistema parental. Nesse sentido, Martini (2012) aponta que quando uma das figuras parentais tem um comportamento distante, a nível físico e emocional, como ocorre nos casos em que um dos pais possui algum vício ou comportamento violento, os filhos acabam por ocupar um espaço de cuidado e de maior responsabilidade, condição que interfere na maneira como serão formados os seus padrões e dinâmicas relacionais (Martini, 2012). Sobre este aspecto, Boscardin e Kristensen (2011) indicam que, na vida adulta, estes filhos, mesmo desejando parceiros afetivos e carinhos, tenderão a repetir o padrão familiar, procurando - de maneira inconsciente ou consciente - por parceiros que

tenham, em muitos dos casos, o mesmo tipo de vício, comportamento e necessidades de cuidado manifestados por seus pais (Boscardin & Kristensen, 2011; Martini, 2012):

“Eu comecei a ver ele toda semana: eu saía do meu estágio e ia ver ele... ele não morava na mesma cidade que eu, mas eu ia ver ele... ele passava por algumas situações financeiras meio complicadas, algumas dificuldades e eu ajudava ele, pagava coisa, pagava até ração para cachorro, comprava as coisas tudo e eu ia ajudando... só indo, sabe? E também com a mesma coisa... eu ia pegando os gostos dele pra mim. Pegando tudo que ele gostava e apegando e eu fui me apegando muito. Eu comecei a sentir um carinho, um amor que eu não sei explicar como que esse amor surgiu.” (M1)

“Ele tinha problema de alcoolismo, droga e eu sempre fui levando... eu deixava a situação passar e, como eu sempre trabalhei muito, eu achava que estava certo daquela forma. Como eu sou da área de saúde, eu achava que “não, isso aí é uma doença, vai melhorar... vai passar...” (M3)

Complementarmente, ressalta-se a ocorrência da transmissão de crenças e valores aprendidos a respeito das hierarquias e dos papéis a serem desempenhados por cada membro da família. Conforme destacado pela literatura, a construção de crenças, princípios e valores, pessoais e relacionais, sofre influência do contexto cultural e social no qual os indivíduos estão inseridos (Peixoto et al., 2000). Nesse sentido, faz-se necessário pontuar as percepções dessa dimensão nos discursos das participantes, onde foi possível observar a existência e repetição de padrões relacionais marcados pela ideia de um papel e comportamento específicos, a serem esperados e/ou desempenhados pelas mulheres dentro de suas relações amorosas.

Gênero

Como previamente destacado, Zanello (2018) aponta que a palavra “gênero” é fruto de uma construção social que visa determinar o que é próprio do “feminino” e do “masculino”. Esse conceito, quando aplicado em sociedades patriarcais e sexistas, pode funcionar como um mecanismo que implica, necessariamente, no estabelecimento de uma noção de poder e hierarquia dentro dos relacionamentos, possibilitando a aquisição de privilégios e a ideia de maior ou menor prestígio, determinados a partir do gênero dos

indivíduos. Nesse sentido, a autora destaca que, dentro desses contextos, as diferenças sexuais acabam sendo utilizadas para justificarem espaços sociais de maior ou menor empoderamento, noções que são estabelecidas e propagadas na sociedade por meio das tecnologias de gênero (Zanello, 2018).

No que se refere ao campo afetivo, Zanello (2018) destaca que as tecnologias de gênero são capazes de estabelecer um modelo idealizado e, muitas vezes, romantizado de relacionamento amoroso, que acaba por influenciar na forma como as mulheres percebem o relacionamento e o parceiro amoroso. Esta dinâmica observa-se na seguinte fala da participante da pesquisa: “Ah, eu sempre fui muito romântica, então eu romantizava tudo... era aquele príncipe encantado chegando em um cavalo”. (M3).

No que tange às implicações de tal modelo para a formação do autoconceito e valor feminino, as tecnologias acabam por estabelecer um padrão comportamental que dita a maneira como as mulheres devem se sentir, comportar e desempenhar suas funções dentro da relação amorosa, criando-se a ideia de que somente por meio do seguimento das condutas socialmente estipuladas, as mulheres conseguirão ser amadas e desejadas por seus parceiros. Estabelece-se, como consequência, um dispositivo de gênero que regula o processo de subjetivação e formação da identidade feminina, que é atravessada pela noção de que o valor pessoal da mulher está diretamente relacionado à sua capacidade de obter (e manter) o amor de um homem (Zanello, 2018). Pontua-se a instauração desta ideologia na fala de uma das participantes: “Assim, eu sempre tive muito uma busca por um relacionamento. Sempre busquei muito isso...” (M1).

De acordo com Zanello (2018) a construção da subjetividade feminina é perpassada por dois dispositivos de gênero: o amoroso e o materno. No que tange ao observado na pesquisa, julga-se necessário dar um maior enfoque ao dispositivo amoroso, a fim de

compreender as implicações deste para a construção da identidade das participantes e a conduta adotada por elas em seus relacionamentos amorosos, marcada pela passividade, renúncia e submissão, aspectos percebidos na falta de posicionamento frente aos parceiros. Segundo Zanello (2018), o modelo de amor que conhecemos em nossa atualidade é fruto de uma visão de amor burguês e romântico (Lagarde, 2001), que defende a heteronormatividade e configura o casamento como expressão maior do amor-paixão firmado entre homens e mulheres, sendo este indissolúvel. Observa-se essa construção no padrão relacional de uma das participantes, ao indicar: “eu trouxe algumas coisas da minha família, do meu pai, da minha mãe... eles sempre alegaram que a família é o centro de tudo e que a mulher é... você casa, você tá casada para sempre” (M3).

Por esta percepção, o amor representaria a ideia de um sentimento de devoção e renúncia, implicando na instauração de uma dependência emocional e financeira para as mulheres e no estabelecimento de desigualdades de papéis, com laços de domínio e privilégios para os homens (Zanello, 2018). Essas dinâmicas acabam por determinar papéis e funções esperadas e atribuídas à homens e mulheres. Conforme aponta Silva (2001), na noção de família, imposta pelo modelo patriarcal, os homens tinham a função de provimento, sendo os responsáveis por garantir o sustento de suas famílias, enquanto que às mulheres eram atribuídas as tarefas e cuidados domésticos. Nos relatos das participantes, percebeu-se a presença de uma expectativa por parte de seus parceiros para que elas assumissem as funções socialmente construídas, reforçando que o modelo, embora arcaico, ainda prevalece como parâmetro no funcionamento de algumas dinâmicas relacionais.

“Era aquela questão, eu realmente... ele saía para trabalhar e eu tinha que ficar em casa limpando, cozinhando, passando e quando chegasse à noite eu tinha que tá toda cheirosa, bonita, depilada, de perna aberta para ele... era literalmente isso. ” (M1)

“Eu tinha que ser o modelo que ele queria, eu tinha que ser a mulher que ele queria que eu fosse. [...] ele sempre falava que mulher tem que cuidar da casa, mulher tem que fazer isso e aquilo, uma cultura bem machista. ” (M2)

Ao determinar funções e papéis, destina-se uma posição recato e omissão, marcada pelo silenciamento das mulheres (Zanello, 2018). A vivência de tal posição pôde ser constatada na dinâmica relacional de algumas das participantes, como o pontuado em: “Ele começou a me regrar com os familiares dele. Às vezes a gente saía para algum lugar e quando eu ia falar alguma coisa, ele já me cutucava... e eu, mais uma vez, ia lá e me calava.” (M1).

Em contextos como os indicados acima, o amor poderia ser apontado como uma das principais causas para a opressão das mulheres (Firestone, 1976), pois ele carregaria o simbolismo de suas identidades, sendo uma experiência que justificaria e daria sentido às suas existências (Zanello, 2018), conforme se percebe no discurso de uma das entrevistadas: “Eu percebi que eu me agarrava a qualquer pessoa (que aparecia) e aquilo virava minha vida, virava meu mundo, meu tudo.” (M1). Em um viés de subjetivação e constituição da noção de que o amor é o centro motivador e organizador da vida das mulheres, este sentimento acaba por se apresentar em nossa cultura como a maior e, ao mesmo tempo, mais sutil e imperceptível forma de apropriação e desempoderamento feminino (Zanello, 2018).

Swain (2011) indica que o dispositivo amoroso é capaz de construir “corpos-em-mulher” (Zanello, 2018, p. 83), que se desenvolvem prontos para serem sacrificados por amor a outrem, numa lógica de funcionamento em que o amor é a razão de ser e viver das mulheres. Nessa perspectiva, as mulheres estariam dispostas ao sacrifício e ao esquecimento de si em prol do amor (Swain, 2011), como observado em: “Eu achava que era ele ou mais nada na vida, então eu fazia tudo isso.” (M2). Destaca-se que os papéis e a noção de um sacrifício esperado às mulheres são conceitos repassados de mães para filhas (Zanello, 2018) que, ao propagarem tais valores, acabam por manter o padrão relacional aprendido dentro de suas famílias de origem em seus relacionamentos afetivos e amorosos.

Nesse sentido, o dispositivo amoroso interpela performances, propagadas pelas tecnologias de gênero e mantidas por meio da transmissão dos valores aprendidos, de forma a ditar os comportamentos e afetos, bem como a noção pessoal estabelecida por homens e mulheres. Com relação as consequências deste dispositivo para as mulheres, Zanello (2018, p. 84) destaca:

“Dizer que o dispositivo amoroso apresenta-se como um meio privilegiado de subjetivação para as mulheres em nossa cultura, significa dizer que as mulheres se subjetivam, na relação consigo mesmas, mediadas pelo olhar de um homem que as “escolha”. Isto é, o amor, ser escolhida por um homem, é um fator identitário para elas. Diz acerca de certa forma de amar que a elas é interpelada. Em nossa cultura, os homens aprendem a amar muitas coisas e as mulheres aprendem a amar, sobretudo e principalmente, os homens”.

Observou-se o indicado pela autora nos discursos de algumas das participantes ao exemplificarem situações em que, sem ter consciência da lógica operante do dispositivo amoroso, assumiram uma posição semelhante à indicada por Zanello (2018), se colocando em uma espécie de “prateleira do amor” e internalizando a percepção de que são os homens quem avaliam e estipulam o seu valor (Zanello, 2018). Essa prateleira, tal como descrita pela autora, é profundamente desigual e pautada em um ideal estético, que só considera belo quem preenche os requisitos, herdados das culturas europeias, de “branco, loiro, magro e jovem” (Zanello, 2018, p. 84). Por essa concepção, restaria às mulheres que não atendem ao ideal estipulado, ficarem na prateleira, tendo seu valor reconhecido somente quando aprovadas pelo crivo de um olhar masculino:

“Eu só tava vendo todo mundo namorar e queria também. Até porque, como eu disse, eu sempre fui uma criança acima do meu peso, então eu via todo mundo namorando, todo mundo beijando e eu não.. nunca acontecia comigo, sabe? Porque ninguém... todo mundo me zuava muito... passei por muito bullying na escola. Então eu sempre tive o pensamento de que eu precisava arrumar um namorado. Eu acho que o primeiro que apareceu, eu aceitei.” (M1).

“Fiquei um tempo sozinha ... eu nunca fui a bonita da escola, eu sofria bastante bullying por causa do meu cabelo, então assim... nunca fui a paquitinha que todo mundo quer pegar. Além disso, a gente morava em Santa Maria, então assim.. pobre né? [...] e eu consegui namorar com ele... era como se fosse um prêmio. ” (M2)

Segundo Lagarde (2013), as mulheres se constituem em torno de uma carência, em uma espécie de abandono de si mesmas, que as impede de usufruir plenamente de sua própria

companhia. Nesse sentido, Zanello (2018) aponta que, para muitas mulheres, o desamor é melhor suportado do que o fato de não terem ninguém, acabando por adoecerem, emocional e psicologicamente, por entenderem a questão identitária como reflexo de um modo de viver e entender o amor (Zanello, 2018): “a falta que eu sentia dele no começo era muito, muito difícil, era muito pesada... é uma dor física”. (M3).

Assim, em muitos casos, para não ficarem sozinhas, as mulheres constroem a relação amorosa em detrimento do ideal que elas possuem de seus parceiros, casando-se com a esperança do que eles podem vir a ser, mais do que com os homens que realmente são. Nesse sentido, as tecnologias de gênero colaboram para a criação, renovação e manutenção da crença “de que é possível transformar mesmo uma besta em um príncipe encantado, dependendo apenas do amor, da dedicação e da paciência da mulher e, caso isso não aconteça, é bem possível que tenha havido uma suposta ‘falha’ na própria mulher.” (Zanello, 2018, p. 95), aspecto que se percebe no discurso de uma das participantes: “ele tinha problema de alcoolismo, droga e eu sempre fui levando... corrigindo as falhas, tendo paciência e... não sei, foi assim.” (M3).

A partir das percepções e análises provindas dos discursos das participantes, foi possível constatar a influência que o dispositivo amoroso exerce para a formação da identidade feminina e para a construção de padrões relacionais marcados pela determinação de papéis e condutas gendradas a homens e mulheres. Estes padrões foram verificados tanto no funcionamento familiar quanto nos relacionamentos amorosos das participantes.

Entretanto, notou-se que embora os parceiros e relacionamentos amorosos tenham ocupado espaços privilegiados na formação do autoconceito e percepção de valor pessoal das mulheres entrevistadas, elas conseguiram, por meio da participação em grupos de ajuda

mútua, iniciarem um processo de diferenciação emocional e resgate de sua autonomia, reconectando-se com sua própria essência e identidade:

“Hoje em dia eu tô tentando me libertar muito disso, então hoje eu já tô enxergando a vida de outras formas, vendo que várias coisas são passageiras e hoje em dia eu tô prezando muito pela minha liberdade.” (M1).

“Hoje eu tenho medo... medo de me aprisionar. Ao mesmo tempo que eu sinto vontade e falta (de estar em um relacionamento amoroso), eu tenho medo de abdicar de tudo o que eu conquisei... não falo no sentido material, mas no sentido de eu ser eu... é no sentido de fazer o que eu quero, tomar as minhas decisões. ” (M2).

“Eu percebi muitas coisas que eu não conseguia enxergar antes... a minha inteligência, a minha capacidade de me superar só [...] hoje eu diria que eu sou uma pessoa forte, muito além do que eu achava que era”. (M3).

Considerações Finais

A partir da análise dos conteúdos coletados foi possível perceber a existência de padrões de funcionamento familiares disfuncionais nas famílias de origem das participantes, com dinâmicas relacionais que influenciaram em seus processos de diferenciação emocional e implicaram em suas formas de se relacionar, as levando a replicarem o padrão aprendido em seus relacionamentos amorosos. Com base na revisão teórica e na análise dos elementos dos discursos, pôde-se inferir que as participantes da pesquisa desenvolveram um baixo nível de diferenciação emocional, que pode ter colaborado para o estabelecimento de uma fusão emocional com parceiros amorosos.

No que tange ao funcionamento familiar, identificou-se a presença de padrões de funcionamento emaranhados e desligados nas famílias de origem das participantes, caracterizados pela existência de fronteiras relacionais difusas e rígidas, com muita ou pouca troca emocional entre os membros das famílias. Por meio da análise dos comportamentos e reações emocionais desenvolvidas pelas participantes, observou-se que, embora os funcionamentos familiares se apresentem em extremos opostos, as implicações de ambos os padrões no ajustamento psicológico e emocional das participantes pareceram ocorrer de forma similar, aspecto que não pôde ser aprofundado nesta pesquisa em decorrência das limitações inerentes à própria pesquisa e ao referencial teórico utilizado.

Aponta-se esse achado como uma lacuna encontrada na literatura e pesquisas sobre o tema, que acabam por melhor analisar e descrever as consequências geradas ao emocional, psicológico e cognitivo de indivíduos provindos de sistemas familiares emaranhados. Indica-se, assim, que maiores estudos nesta área são importantes para que se possa compreender com maior clareza as consequências que um sistema familiar desligado exerce no processo de diferenciação dos indivíduos.

No que se refere à transmissão geracional e a constituição de padrões relacionais, foi possível observar a influência que os valores e crenças sociais e culturais exerceram para o estabelecimento de dinâmicas relacionais disfuncionais, marcadas pela definição de papéis de gênero bem delineados nas famílias de algumas das participantes. Tais valores, aprendidos e propagados pelas famílias, pareceram ter fortalecido a ideia culturalmente instituída de que as mulheres se constituem por meio de seus relacionamentos e parceiros amorosos, fator que também pode ter contribuído para a forma como as participantes se colocaram em seus relacionamentos e estabeleceram vínculos com seus parceiros. Indica-se que a distribuição dos conceitos apresentados acima em categorias pré-definidas de análise se mostraram um desafio no desenvolvimento da pesquisa, pois os conceitos de diferenciação emocional, padrão de funcionamento e transmissão geracional são interconectados e difíceis de serem analisados isoladamente.

Apesar das dificuldades apontadas para análise em categorias dos dados obtidos, destaca-se como um resultado alcançado a percepção da existência de uma influência dos padrões de funcionamento familiares para o nível de diferenciação emocional desenvolvido pelas participantes. No entanto, tal como indicado por Bowen (1979), o processo de diferenciação é evolutivo e dinâmico e perpassa todo o ciclo vital do indivíduo, sendo possível criar condições favoráveis para que um indivíduo se diferencie ao longo de sua vida.

Nesse sentido, percebeu-se que a participação no grupo de ajuda mútua, conduzido pela irmandade Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), possibilitou que as participantes reconhecessem e identificassem as dinâmicas e vínculos disfuncionais estabelecidos com as famílias de origem e parceiros amorosos, fornecendo condições e espaço de pertencimento propício para se diferenciarem. Indica-se que a participação em grupos de ajuda e realização de tratamento psicoterápico funcionam como ferramentas de

intervenções importantes à diferenciação emocional de indivíduos pouco diferenciados, pois oferecem estratégias e espaço seguro que favorecem o resgate da identidade e autonomia de indivíduos fusionados.

Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Blasco, J. C. (2005). *Dependencia Emocional: Características y tratamiento*. Madrid: Alianza Editorial. S. A.
- Blasco, J. C. (2012). *La Superación de la Dependencia Emocional: Cómo impedir que el amor se convierta en un suplicio*. Málaga: Ediciones Corona Borealis.
- Bowen, M. (1978). *Family Therapy in Clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bowen, M. (1979). *De la familia al individuo: la diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós
- Boscardin, M. K. & Kristensen, C. H. (2011). Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico. *Revista de Psicologia da IMED*, 3(1), 517-526.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A. & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de Diferenciação dos Casais de suas Famílias de Origem. *Psico*, 44(1), 16-25.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter; M. McGoldrick. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2a ed.) (pp. 7-29). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Celestino, V. R. R. & Bucher-Maluschke, J. S. (2015). Um novo olhar para a abordagem sistêmica na psicologia. *FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão*, 18(3), 318-329.
- Coelho, S.V.A. (2007). Transmissão Transgeracional de Padrões Familiares – conceitos teóricos. In: Aun, J. G., Vasconcellos, M. J. E., & Coelho, S. V. (2007). *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 259-293.
- Costa, L. F. (2010). A Perspectiva Sistêmica para a Clínica da Família. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(especial), 95-104.
- Costa, L. F., Conceição, M. I. G., Penso, M. A., & Carreiro, T. C. O. C. (2017). Transmissão Geracional Familiar em Adolescentes que Cometeram Ofensa Sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 995-1010. <https://doi.org/10.1590/1982-3703004722016>
- Deslandes, S. (1994). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.
- Ferro, V. S. (2009). *Da dominação masculina à submissão feminina: relação amorosa de adolescentes infratores e suas companheiras*. Tese de dissertação. Universidade Católica: Brasília.
- Fiorini, M. C., Müller, F. G., & Bolze, S. D. A. (2018). Diferenciação do self: revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando famílias*, 22(1), 146-162.
- Friesen, A. (2004). *Cuidando do casamento: Para conselheiros e casais*. Curitiba: Evangélica Esperança.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35(4), 65-71.
- Lagarte, M. (2013). *Solidão como arma política*. Curitiba: Herética Difusão Lesbofeminista Independente.
- Macedo, R. M. (1994). A Família do ponto de vista psicológico: espaço seguro para crescer? *Cadernos de pesquisa*, 91(), 62-68. Fundação Carlos Chagas
- Martini, J. S. (2012). Dependência Emocional Familiar: possíveis manifestações nos filhos. *Revista da Graduação*, 5(2), 1-16.
- Martins, E. M. de. A., Rabinovich, E. P. & Silva, C. N. (2008). Família e o processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: um estudo de caso. *Psicologia USP*, 19(2), 181-197.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., Nichols, M. P., & Lee, Wai-Yung. (2009). *Famílias e Casais: Do Sintoma ao Sistema*. Porto Alegre: Artmed.
- Moroz, M. (2002). *O processo de pesquisa: Iniciação*. Brasília: Plano Editora
- Nichols, M.P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia Familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R.C. (2007). *Terapia familiar: conceitos e métodos*. (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Nogueira, L. M. L. O. & Henning-Geronasso, M. C. (2010). Casal e Família de Origem: uma possível relação na dependência emocional da mulher. *O Portal do Psicólogo*.
- Osório, L. C. & Valle, M. E. P. (2002). *Terapia de famílias: novas tendências*. Porto Alegre: Artmed.
- Pelegrini, P. G., Silva, I. M., Barreto, M. & Crepaldi, M. A. (2015). Diferenciação do Adulto Jovem: Um Estudo de Caso em Atendimento Familiar. *Pensando Famílias*, 19(1), 114-129.
- Penso, M. A. & Moraes, P. J. F. S. (2016). Reintegração familiar e múltiplos acolhimentos institucionais. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(2), 1523-1535.
- Pinto, F. M. S., Veloso, M. J. G., Santos, R. F. G., Rebelo, R. S. P. & Alhau, V. C. P. (2005). *Modelo Transgeracional: Murray Bowen*. Apostila de Terapia Familiar. Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação. Coimbra, Portugal.
- Sant'Anna, T. C. & Penso, M. A. (XXXX). A Transmissão Geracional da Violência na Relação Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, 1-11.
- Santos, N. E. B. (2008). *A triangulação e seus múltiplos aspectos no contexto familiar: um olhar relacional-sistêmico*. Trabalho de conclusão de curso (especialização em terapia relacional sistêmica) – Florianópolis: Familiare Instituto Sistêmico.
- Santos, F. M. (2012). Análise de Conteúdo: a visão de Laurence Bardin. *Revista Eletrônica de Educação*, 6(1), 383-387.
- Santos, A. M., Costa, F. S. & Silva, R. S. (2019). Análise de Conteúdo da Perspectiva de Bardin: Um procedimento Organizado. In: Lima, V. M. R., Ramos, M. G. & Paula, M. C. (2019). *Métodos de análise em pesquisa qualitativa: Releituras Atuais*. Rio Grande do Sul: EdIPUCRS.
- Semensato, M. R. & Bosa, C. A. (2013). O script de apego compartilhado no casal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 138-151. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Sirvent, C. (2000). *Las dependencias relacionales: dependencia emocional, codependencia y bidependencia*. Comunicación presentada en el I Symposium Nacional de Adicción en la Mujer. Madrid.
- Skowron, D. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI Fusion with Others Scale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29(2), 209-220.
- Souza, C. D. & Crepaldi, M. A. (2013). Genograma e Workshop de fotografias - Intervenções relacionais sistêmicas em processos psicoterapêuticos individuais. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(45), 71-87.
- Swain, T. N. (2011). Diferença sexual: uma questão de poder. (Texto apresentado no I Simpósio de Gênero e Literatura da Universidade Federal do Ceará). Recuperado em 10 de junho de 2021, de: <http://www.tanianavarrosain.com.br/brasil/diferenca%20sexual.htm>

- Vasconcellos, M. J. E. (2010). *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Wagner, A., Tronco, C. & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisando conceitos. In *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed.
- Yin, R. K. (2016). *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Porto Alegre: Penso.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

“A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL E AS RELAÇÕES AMOROSAS: UM ESTUDO SOBRE INFLUÊNCIAS E REPERCUSSÕES”

Instituição das pesquisadoras: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Pesquisadora responsável: Dra. Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira

Pesquisadora assistente: Karine Caputo Neves Pereira

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa sobre a influência que os padrões de funcionamento familiares e relacionais desempenham para o construção e desenvolvimento de um apego dependente nas relações amorosas. A pesquisa é vinculada ao curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB e faz parte do trabalho de conclusão de curso da pesquisadora assistente. Informo que os seus dados serão coletados anonimamente e utilizados unicamente para a produção de artigos e produções acadêmicas.

Sua participação neste estudo é voluntária. Portanto, você não é obrigada a responder quaisquer perguntas e/ou fornecer informações que lhe causem constrangimento ou desconforto, podendo desistir de sua participação a qualquer momento, sem incidência de danos ou prejuízos. Ressaltamos, no entanto, que sua participação é muito importante para o cumprimento e desenvolvimento do estudo proposto.

Antes de decidir se deseja participar, você deverá ler e compreender todo o conteúdo apresentado a seguir. Caso tenha alguma dúvida quanto às informações, por gentileza, consulte a pesquisadora.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em elaborar um genograma e responder às perguntas realizadas pela pesquisadora.
- As sessões serão gravadas.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos.
- Medidas preventivas serão tomadas durante a pesquisa para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Com a sua participação nesta pesquisa você pode contribuir para o avanço dos estudos sobre o fenômeno, favorecendo para sua maior compreensão, de modo a possibilitar futuras intervenções.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será concedida à outras pessoas acesso ao material gravado ou qualquer outra informação coletada durante a pesquisa.

- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados, por um período de cinco (5) anos, sob a responsabilidade da pesquisadora assistente, Karine Caputo Neves Pereira, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Após o término deste período, os dados serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros e/ou publicados em revistas científicas e demais produções acadêmicas. Ressaltamos que os dados e resultados obtidos a partir das entrevistas serão divulgados com nomes fictícios e demais dados pessoais poderão ser modificados, de modo a resguardá-la, garantindo a proteção de sua identidade e privacidade.

Para maiores informações, dúvidas ou considerações a respeito da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB.

CAAE: (acrescentar após aprovação).

Telefone: 3966.1511.

E-mail de contato: cep.uniceub@uniceub.br.

Eu, _____ RG _____,
declaro ciência das informações descritas neste documento e atesto concordância em participar da pesquisa.

Brasília, ____ de _____ de 2020, _____.

Participante

Sandra Eni Fernandes Nunes Pereira
sandra.pereira@ceub.edu.br

Karine Caputo Neves Pereira
karine.caputo@sempreceub.com

Apêndice B – Roteiro de entrevista semiestruturada individual

Investigação a respeito da história de vida e o contexto familiar

1. Me conte a história relacional de sua família de origem (englobar ao menos três gerações - onde nasceram, onde residem atualmente, qual é a história dos casamentos, nascimentos, separações, divórcios e mortes).
2. Como seus pais se conheceram? (Contexto e idades).
3. Como você os caracteriza? (Pessoalmente e fisicamente?)
4. Me descreva como é (ou era) o relacionamento de seus pais.
5. Me conte sobre o seu relacionamento com seus pais (Buscar identificar padrões relacionais, coletando informações mais específicas sobre as dinâmicas estabelecidas na tríade mãe-pai-filho e nas díades mãe/filha e pai/filha).
6. Em sua história de vida familiar, como eram tomadas as decisões em um geral?
7. Você tem lembrança de algum evento familiar que tenha sido positivamente marcante para você? E negativamente?

História pessoal e relacional

8. Me conte um pouco mais sobre você: Se eu te perguntasse quem é a “fulana”, como você a descreveria?
9. Você pode comentar como eram as suas experiências amorosas antes de iniciar o acompanhamento na MADA?
10. Como você se percebeu dependente emocionalmente de seu(s) parceiro(s)? Como foi esse processo para você (no sentido emocional e relacional)?
11. Você consegue perceber influências positivas da participação nas reuniões da MADA na forma como você se relaciona hoje? Se sim, você pode dar um exemplo?
12. Você está em um relacionamento neste momento? Se sim, você pode falar um pouco sobre o seu relacionamento atual? Se não estiver, pedir para que comente sobre o último envolvimento amoroso que teve.
13. Você identifica alguma semelhança de comportamento ou atitude entre seus parceiros (atual, se houver, e anteriores)? E entre eles e seu pai?
14. Você identifica um padrão de comportamento seu nas suas relações amorosas?
15. O que significa ou representa para você ter um parceiro amoroso?
16. Você conseguiria se imaginar sem um parceiro?